

Andreazza e Tancredo teriam o mesmo vice

A. Dorgivan - 10/3/83

Só vitória de Maluf impediria Sarney de chegar a presidente

Eliane Cantanhede

BRASILIA — Foi em abril de 1985, com a morte de Tancredo Neves, e poderia ter sido em abril de 1988, com a de Mário Andreazza, mas em qualquer caso estava escrito nas estrelas que o maranhense José Sarney seria presidente desta República nesta década. Nome preferido para compor a chapa de Andreazza — “Sarney era cotado e cortejado para ser o vice do Andreazza”, conta o senador Marcondes Gadelha —, ele recusou o convite em julho de 1984, um mês antes das convenções do PDS e do PMDB. Em dois encontros sigilosos, no Rio, Tancredo e Andreazza já tinham selado um pacto de apoio mútuo contra Maluf no Colégio Eleitoral, e “apoio mútuo”, àquela altura, não passava de expressão elegante: ambos sabiam quem apoiaria quem, pois Tancredo, e não Andreazza, seria o presidente.

A campanha do coronel da reserva, ministro três vezes no regime militar e morto aos 69 anos, na terça-feira passada, sucumbiu numa avalanche de intransponíveis erros de origem: desconfiança da área militar, falta de convicção do próprio candidato, garra de Paula Maluf, competência de Tancredo Neves — e, principalmente, a falta do carimbo de apoio oficial. Quando se encontrou com Tancredo, em maio e junho de 1984, no apartamento deste na Avenida Atlântica, “Andreazza já deu evidentes sinais de fraqueza”, testemunha o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, que participou das duas conversas.

“Espião” — A pretensão presidencial de Andreazza, contraditoriamente, começou a correr sérios riscos no exato momento em que passou a ser esboçada, 20 anos antes de sua derrota para Maluf, por 493 a 350 votos, na convenção do PDS. Jovem coronel então dado a leituras, alto, olhos azuis, ele foi nomeado oficial de gabinete do ministro da Guerra, Arthur da Costa e Silva, para manter os *castellistas* (o grupo do presidente Castello Branco) bem informado sobre os arroubos presidenciais de seu novo chefe. Mas, como não cansava de lembrar o falecido ministro Golbery do Couto e Silva,



Sarney era “cotado e cortejado” para ser candidato a vice na chapa de Andreazza

preferiu ficar com o lado mais forte:

“Andreazza era o nosso espião. Mas nos traiu”, acusava Golbery.

Nunca mais, apesar das tentativas, Andreazza foi perdoado. Isto veio lhe custar a perda de todo prestígio entre os ex-colegas de farda das várias facções e uma ferrenha oposição do grupo *castellista*, já transformado em *geiselista* na disputa da sucessão do presidente Figueiredo. O próprio ex-presidente Ernesto Geisel ficou com Aureliano Chaves; Golbery trabalhou arduamente por Maluf. E Figueiredo, que tinha os instrumentos para neutralizá-los — a máquina do governo e a força política do cargo —, prometeu, prometeu, mas nunca lhe deu apoio, público ou prático.

Decepções — Em abril de 1984, Figueiredo telefonou para o hoje deputado Paulo Pimentel (PFL-PR), que estava no Rio sem mandato, e mandou que embarcasse para São Paulo. O encontro dos dois foi a um canto da própria sala Vip do Aeroporto de Congonhas, presenciado a distância por um governador de São Paulo chamado Paulo Maluf, que nada conseguiu ouvir. Mas o diálogo foi assim:

— O Antônio Carlos comanda

a campanha do Andreazza e você vai junto.

— Se o senhor disser ao Aureliano e ao Marco Maciel que Andreazza é seu candidato, ele já está eleito — disse Pimentel.

— Pois eu direi — garantiu Figueiredo.

“Foi aí que começaram as decepções”, relata hoje Pimentel, contando ainda que dois meses depois as coisas já estavam bem diferentes. A cúpula *andreazista* arastou Aureliano para uma conversa na Granja do Torto com Figueiredo, que lhe diria de uma vez por todas que optara pela candidatura Andreazza. Na hora H, roeu a corda. “Eu não tenho candidato”, disse ao contrário, surpreendendo os interlocutores.

Foi o terceiro e último encontro de Figueiredo com Aureliano, que esperava uma palavra sua a favor de Andreazza para abandonar o páreo presidencial e apoiá-lo. O primeiro fora em janeiro, o segundo em março, e todos tiveram exatamente o mesmo desfecho. Ficou a certeza dos articuladores da candidatura Andreazza, para a História, de que Figueiredo já tinha selado um pacto com o governador do Rio, Leonel Brizola, para ficar mais dois anos e passar o

bastão para ele em 1987, depois de uma eleição casada com a dos governadores.

A esperança deles era fazer uma aliança anti-Maluf, que seria vitoriosa na convenção do PDS e se manteria no Colégio Eleitoral, com apoio da maioria dos governadores, principalmente Divaldo Suruagy, de Alagoas, indicado vice três dias antes da convenção. Ficariam de fora, apenas, os dois *aurelianistas* — Gonzaga Motta, do Ceará, e Roberto Magalhães, de Pernambuco, que estavam com um pé dentro da candidatura Tancredo — e o único *malufista* — Wilson Braga, da Paraíba. Mas também isso se perdeu em meio ao desprezo de Figueiredo pela candidatura do velho amigo.

Quinze dias antes, a contabilidade da campanha já era negativa e Antônio Carlos tinha certeza da derrota. Mas, segundo Gadelha, “Andreazza foi um otimista até o fim”. No voto decisivo da convenção de 11 de agosto de 1984, o candidato enrolou uma bandeira verde e amarela com seu nome, olhou para trás e disse ao fiel Gadelha:

— Já podemos arriar as bandeiras. Vamos para casa.

J. França - 17/10/83

Pacto uniu adversários

Tancredo Neves garantiu dezenas de votos no Colégio Eleitoral sem sair de casa. Foi no seu apartamento da Avenida Atlântica, no Rio, em duas conversas, que ele selou com o então ministro Mário Andreazza o precioso pacto anti-Maluf. Na primeira, na madrugada de um dia de maio de 1984, falou pouco, quase nada, e deixou seu interlocutor discorrer longa e humildemente sobre suas parcas chances de vitória contra Maluf na convenção do PDS. Depois, enquanto Andreazza ia rapidamente ao banheiro, comentou: “Nosso amigo está mal, hein?”

Quem ouviu a frase foi a única testemunha da conversa, o hoje ministro Antônio Carlos Magalhães, principal estrategista da candidatura Andreazza e da aproximação dos *andreazistas* com Tancredo. No dia seguinte, já no café da manhã, Antônio Carlos e Tancredo traçavam as táticas para evitar a vitória de Paulo Maluf, que viria a derrotar fragorosamente Andreazza na convenção do PDS, mas a perder, também fragorosamente, para Tancredo no Colégio Eleitoral.

Apoio militar — A segunda conversa de Tancredo com Andreazza, no mesmo local, também foi acertada e presenciada por Antônio Carlos, mas teve nova testemunha: o empreiteiro Walduck Wanderley, do grupo Cowapp, que apoiava Andreazza mas tratava de reforçar seus antigos laços de amizade com Tancredo. Como explica Antônio Carlos, “empreiteiro nunca financia uma campanha só”.

Nessa segunda e definitiva conversa, em junho, foi a vez de Antônio Carlos falar. Informou, por exemplo, que o ministro do Exército, Walter

Pires, consultara o Alto Comando e concluíra que nem Andreazza nem Maluf tinham a confiança militar, mas que Tancredo “teria apoio total”. Segundo ele, Tancredo era o candidato “seguro” e, por isso, teria o apoio dos *andreazistas* no Colégio Eleitoral, em caso de derrota no PDS.

Num domingo à noite, exatamente 15 dias antes da convenção de 11 de agosto, a cúpula da campanha *andreazista* já sabia que a derrota era inevitável e se reuniu em Brasília. Eram Antônio Carlos, o secretário-geral do Ministério do Interior, Rocha Maia, e o chefe de gabinete de Andreazza, Urquiza Nóbrega, e decidiram em comum acordo apoiar Tancredo no dia seguinte à convenção.

O último lance para transformar *andreazistas* em *tancredistas* foi na noite da derrota. Os governadores do Nordeste se reuniram na casa de Andreazza em Brasília e Antônio Carlos decretou: “A partir de agora, o nosso candidato é Tancredo”. A única reação veio do governador da Paraíba, Wilson Braga, que declarou voto a favor de Maluf. Antônio Carlos, já irritado com o desempenho paraibano na convenção do PDS — apenas quatro dos 32 votos foram para Andreazza — partiu para cima de Braga.

Por pouco não houve troca de sopapos, como testemunharam à época alguns dos presentes, mas no dia seguinte Antônio Carlos já estava recomposto. Tancredo, aclamado na convenção do PMDB, teve apoio público imediato do futuro ministro das Comunicações, o principal articulador político do que veio a ser o governo José Sarney. (E.C.)



Certo da derrota, Andreazza deu apoio a Tancredo

Luciano Andrade - 21/6/84



Antônio Carlos foi o arauto da posição de Andreazza